

EXPOSIÇÃO
DE FOTOGRAFIA
de Luís Pavão

NA

FONTE

DE

TIPOGRAFIA

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS MARCA O PERFIL RIBEIRINHO DE LISBOA DESDE A EXPOSIÇÃO DE 1940, PELA DIMENSÃO, FORMA ARQUITETÓNICA E FRISOS DE ESCULTURA.

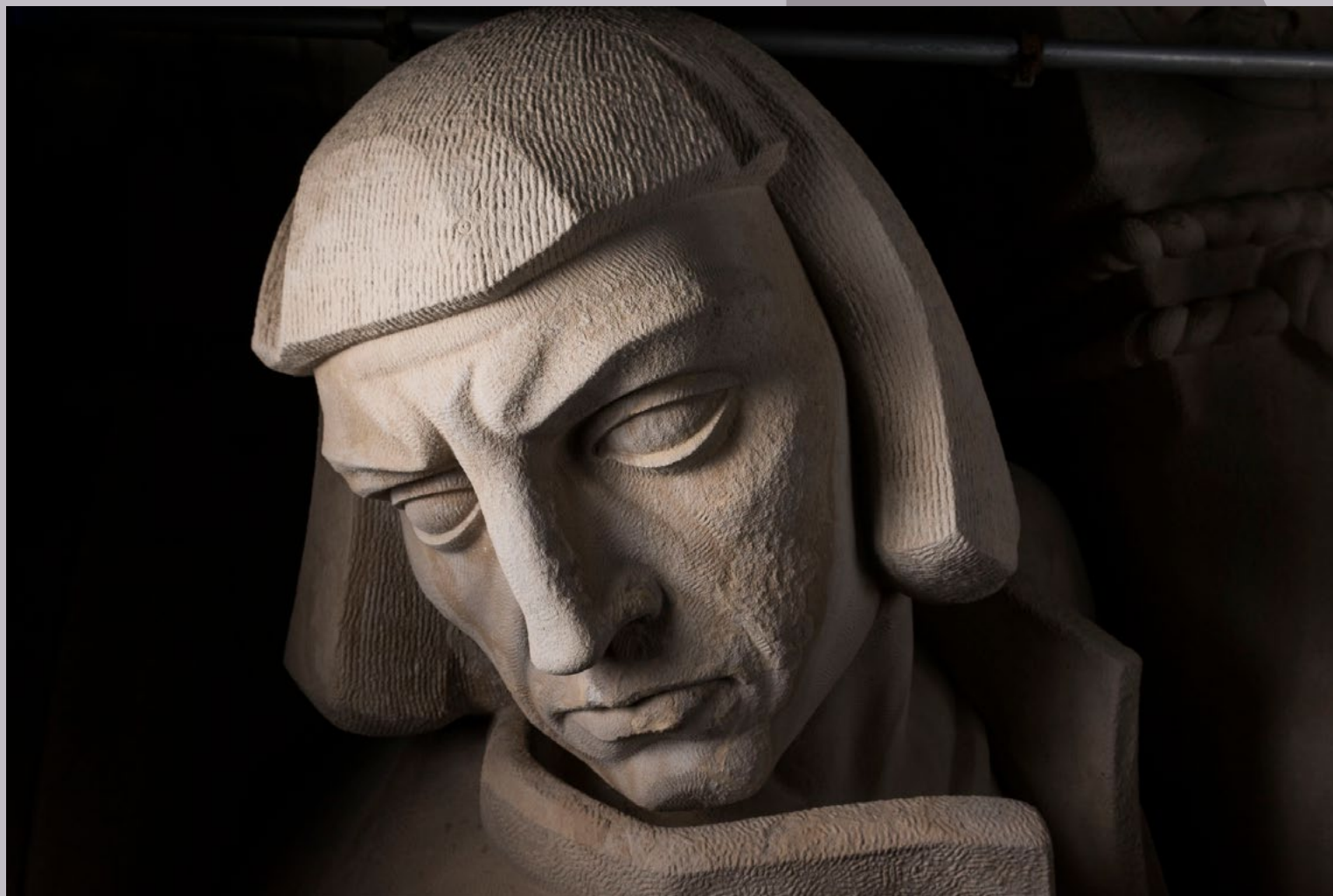
Este edifício, complexo de arquitetura e de escultura, foi construído para ser o símbolo de um império - um império com séculos de dominações, trocas comerciais e com alguns diálogos, e, para cumprir esse papel, foi trabalhado pelo poder forte e académico ao longo dos anos de ditadura.

Hoje, o olhar do fotógrafo Luís Pavão revela alguns pormenores da sua traça e carácter escultórico. Com mais de sete metros cada uma, as 32 esculturas de figuras da Corte, do poder militar, dos saberes astronómico, matemático ou cartográfico, cronistas e poetas, religiosos e mareantes de Portugal deixam impressas nas fotografias texturas, gestos e fisionomias, sentimentos e crenças.

A objetiva do fotógrafo permite tocar de perto a monumentalidade colocada na conceção da obra de 1940, da autoria do arquiteto e cineasta Cottinelli Telmo (1897-1948) e do mestre escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975). O monumento, definitivamente passado a pedra em 1960, veio com o decorrer do tempo a apresentar visíveis sinais de desgaste, impondo-se uma cuidadosa e extensa intervenção de conservação e restauro. Esta teve lugar em 2016, constituindo a oportunidade para Luís Pavão, por entre as plataformas montadas para a execução dos trabalhos, observar e fotografar outras dimensões das esculturas, delas colhendo perspetivas e ângulos inéditos que aqui se reproduzem.

Em 2018, quando se comemora o Ano Europeu do Património Cultural sob o lema “Património: onde o passado encontra o futuro”, o Padrão dos Descobrimentos de 1940/1960 e agora preservado é um bom ponto de partida para, com novas leituras e visões do passado, se continuar a pensar o futuro das diversidades da Europa e do Mundo.

**AS ESCULTURAS
DO PADRÃO DOS
DESCOBRIMENTOS
À DISTÂNCIA DE
UM BRAÇO.**



BARTOLOMEU DIAS
(?-1500) - NAVEGADOR

Foi o comandante da frota que dobrou o cabo das Tormentas (1497-1488), batizado por D. João II de cabo da Boa Esperança. Esta descoberta revelou a possibilidade de chegar à Índia por mar. Foi escudeiro da casa real e almoxarife do armazém da Guiné até 25 de Fevereiro de 1497.

Acompanhou a armada de Vasco da Gama (1497) até à região de São Jorge da Mina. Em 1500, fez parte da frota de Pedro Álvares Cabral que chegou ao Brasil. A nau de que era capitão afundou-se numa tempestade perto do cabo da Boa Esperança.

**SÃO PEDRA,
CIMENTO,
ARGAMASSA.**



**D. FILIPA DE
LENCASTRE** (INGLATERRA
1360 - ODIVELAS 1415)

Mãe do Infante D. Henrique
«O Navegador». Filha do duque
de Lencastre, casou com D. João I
(Porto 1387).

Exerceu grande influência junto
de D. João I, e na educação de seus
filhos, destacando-se destes, pela
sua cultura e postura, os Infantes
D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique,
D. João, e, pelo fim trágico,
D. Fernando.

DIOGO CÃO

(?-?) - NAVEGADOR

Cavaleiro de D. João II, e a mando
deste continuou a tarefa iniciada por
Fernão Gomes, explorando a costa
sul da região da Mina. Comandou
duas expedições entre 1482 e 1486.
Na primeira viagem, depois ter che-
gado à foz do rio Zaire, avançou 150
km para o seu interior, chegando
até às cataratas de Ielála.

Nesta viagem, foram feitos os
primeiros contactos com o reino
do Congo.

Na segunda viagem, entre 1485 e
1486, Diogo Cão progrediu cerca de
1500km para sul, tendo chegado
ao cabo Negro.



**O TRABALHO DE RE-
CUPERAÇÃO, ATENTO
AO MAIS ÍNFIMO
DETALHE,**

ESTEVÃO DA GAMA

(1505-1575) - CAPITÃO

Em 1524, foi com o pai para a Índia,
quando este foi nomeado vice-rei.

De 1534 a 1539, desempenhou funções
militares na praça de Malaca. Foi
governador da Índia de 1540 a 1542.

Viveu em Veneza e posteriormente
foi governador de Lisboa.

**FEITO COM ESPÁTU-
LAS, ESCOPROS,
BISTURIS, ESCOVAS
E PINCÉIS,**



**E O ANDAIME, QUE
ENVOLVEU O PADRÃO
DE CIMA A BAIXO,**

FERNÃO MENDES PINTO

(MONTEMOR-O-VELHO 1510 -
ALMADA 1583) ESCRITOR

Em 1537 embarcou para a Índia e
viajou por todo o Oriente, da Etiópia ao
Japão, regressou a Portugal em 1558.
A narrativa das suas viagens, descre-
vendo os costumes das populações
asiáticas e os acontecimentos da sua
estadia no Oriente encontram-se na
obra *Peregrinação*, publicada 31 anos
após a sua morte (1614).

(pormenor: bordão de Fernão Mendes Pinto)



**A PERMITIR UMA
APROXIMAÇÃO
INUSITADA.**

GIL EANES
(LAGOS ? -?)
NAVEGADOR

Escudeiro do Infante D. Henrique destacou-se como um dos navegadores que contribuiu decisivamente para a passagem do cabo Bojador (1434), depois das várias tentativas, quebrando lendas, tradições e mistérios envolvendo aquele cabo. A partir desta data começaram as navegações para sul, ao longo da costa ocidental africana. No ano de 1435, Gil Eanes, com Afonso Gonçalves Baldaia, numa viagem para lá do cabo Bojador, chegaram à Angra dos Ruivos.



(pormenor: astrolábio de Gil Eanes)

GOMES EANES DE ZURARA

(c. 1410-1474) - CRONISTA

Em 1451 era cronista-mor da Torre do Tombo, cargo que desempenha até vésperas da sua morte.

As suas *Crónicas* apresentam-se como panegíricos de algumas individualidades, príncipes ou cavaleiros, sendo um exaltamento dos feitos de uma aristocracia guerreira.

Sobre os acontecimentos no Norte de África escreveu a *Crónica da tomada de Ceuta* e as crónicas de *D. Pedro de Menezes* (primeiro governador de Ceuta) e de *D. Duarte de Menezes*, filho de D. Pedro de Menezes e capitão de Alcácer Ceguer.

Outra parte da sua obra corresponde às navegações na costa ocidental africana e arquipélagos da Madeira e Açores. Para tal, escreveu a *Crónica dos Feitos de Guiné*.



**VER E TOCAR AS
CABEÇAS, MÃOS
E PERNAS, AS
ESPADAS, O
ASTROLÁBIO,**



(pormenor: espada de Gonçalves Zarco)

GONÇALVES ZARCO

(? -?) - NAVEGADOR

No ano de 1419, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira fizeram, provavelmente, a sua primeira viagem de reconhecimento ao arquipélago da Madeira, tendo desembarcado na ilha de Porto Santo. Foram nomeados capitães-donatários nesta ilha com o objetivo de promover o seu povoamento e colonização.

**O CRUCIFIXO, BOTAS
E FIVELAS, AO NOSSO
ALCANCE.**

INFANTE D. HENRIQUE

(PORTO 1394-SAGRES 1460)

O NAVEGADOR

Filho de Dona Filipa de Lencastre e D. João I. O Infante fez parte da expedição que tomou a cidade de Ceuta, no norte de África (1415) onde foi armado cavaleiro com os seus irmãos D. Duarte e D. Pedro, por seu pai, D. João I. Em 1437 comandou a expedição contra a cidade de Tânger, na qual o seu irmão Infante D. Fernando ficou como refém.

Foi administrador geral da Ordem de Cristo e, a partir de Lagos e Sagres, impulsionou as navegações no oceano Atlântico, aliando a curiosidade científica, o interesse pelo conhecimento de novas terras e novas gentes, o interesse económico, o desejo de expansão da fé, ligado à expansão política.

Em 1460 as explorações já haviam atingido a Serra Leoa e estavam descobertos cerca de dois mil quilómetros de costa africana para lá do Bojador.

**A LUZ DO SOL,
FILTRADA PELAS
ESTEIRAS DO AN-
DAIME**



INFANTE SANTO

(SANTARÉM 1402-FEZ 1443)

Oitavo filho de D. João I e de Dona Filipa de Lencastre foi defensor da presença portuguesa em Marrocos, perspetivando-a num misto de alargamento político e de alastramento da fé cristã. Acompanhou os irmãos na conquista de Ceuta e na fracassada expedição a Tânger, onde foi capturado. Tornou-se num meio de pressão dos mouros junto dos portugueses para a sua troca pela cidade de Ceuta.

O predomínio político do partido que defendia a manutenção de Ceuta leva ao sacrifício do Infante D. Fernando que acabou por morrer nos cárceres da cidade de Fez seis anos depois da sua prisão. Com a sua morte, nascia a figura do Infante Santo, designação por que passou a ser conhecido.



LUÍS DE CAMÕES

(?- DP. 1579) - POETA

Terá vivido em Coimbra onde adquiriu conhecimentos humanistas, que marcaram a sua obra, particularmente *Os Lusíadas*.

A sua vida é recheada de peripécias e imprevistos. Foi degredado para África onde perdeu um olho em combate; devido a uma briga com um moço do paço real, foi desterrado para o Oriente. Aqui tomou parte em diversas expedições e a escrita mordaz sobre a atuação dos portugueses na Índia provocou o seu degredo para Macau. Cumprido o tempo do degredo a embarcação em que regressava à Índia naufragou na costa do Cambodja onde se dá o célebre episódio do salvamento d'*Os Lusíadas*, referido no Cântico X, estrofe 128.

Volta a Portugal em 1567, e em 1572, é publicado o seu poema épico intitulado *Os Lusíadas*. Para além d'*Os Lusíadas*, Luís de Camões escreveu as Líricas e três comédias – *Anfitriões*, *Auto do Rei Seleuco* e *Filodemo*.

**E A LUZ ARTIFICIAL
NAS SESSÕES
NOTURNAS,**

NICOLAU COELHO

(?-c. 1504) - NAVEGADOR

Em 1497 foi comandante da nau Berrio, integrada na armada de Vasco da Gama que descobriu o caminho marítimo para a Índia, tendo sido o primeiro navio a chegar a Lisboa no regresso da viagem. Por este feito recebeu de D. Manuel I uma tença anual. Também no cargo de comandante, em 1500, fez parte da frota do capitão-mor Pedro Álvares Cabral, que chegou ao Brasil.

Voltou a capitanear as naus que iam à Índia tendo naufragado numa dessas viagens.

MOLDARAM AS FORMAS E ACENTUARAM AS TEXTURAS.



**COM ESTA PROXIMIDADE
INVULGAR SENTIU-SE
TODO O TRABALHO
DAS ESCULTURAS,**

NUNO GONÇALVES

(c. 1425 - c. 1491) - PINTOR

Pintor régio, é-lhe atribuída a autoria dos painéis de São Vicente.

Estes painéis foram descobertos por volta de 1882, nos paços patriarcais de São Vicente de Fora, encontrando-se, atualmente, no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. Os painéis de Nuno Gonçalves são constituídos por dois trípticos, onde estão representadas as diferentes ordens de grupos da sociedade portuguesa de meados do século XV, incluindo os pescadores e alguns membros da família real.



PEDRO NUNES

(ALCÁCER DO SAL 1502-1578)
MATEMÁTICO

Notabilizou-se pelos estudos de astronomia e cosmografia e da matemática, lecionou esta disciplina em Salamanca, em Coimbra e em Lisboa. Em 1547, foi nomeado cosmógrafo-mor do reino.

Nos seus estudos de astronomia e cosmografia ligados às navegações, Pedro Nunes propôs métodos que permitiram ultrapassar as limitações à observação do sol na altura da passagem do meridiano, principalmente em regiões de nebulosidade. Na área da cartografia, Pedro Nunes inventa o sistema das «latitudes acrescentadas», que está na base da *Projeção de Mercator*, criada em 1569, essencial para contornar o problema dos meridianos paralelos nas cartas náuticas. Descobriu ainda a linha loxodrómica e inventou o nónio.

PÊRO DA COVILHÃ

(COVILHÃ ?-?) - VIAJANTE

Viveu alguns anos em Sevilha, onde aprendeu o castelhano e o árabe, quando regressou a Portugal fez parte das comitivas de D. Afonso V a Castela e a França. No reinado de D. João II, foram-lhe confiadas missões de interesse político e económico a Castela e ao norte de África.

Em 1487, Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva foram encarregues de «descobrir e saber do Preste João e onde acham a canela e as outras especiarias que daquelas partes iam a Veneza por terras de mouros», rumando para Oriente, pelas vias

normais de comércio.

Separaram-se em Adém combinando encontrar-se no Cairo, tendo cada um seguido o seu caminho. Pêro da Covilhã andou pela Índia e Arábia, enquanto Afonso de Paiva rumava à Etiópia. Quando em 1491 Pêro da Covilhã partiu para o Cairo para se encontrar com Afonso de Paiva soube da sua morte. Depois de remeter as informações obtidas sobre as navegações no Índico ao rei D. João II, através de dois emissários judeus, partiu para a Etiópia. No reino etíope, as autoridades doararam-lhe domínios na Abissínia para governar, fixando-se ali definitivamente por imposição daquelas autoridades.

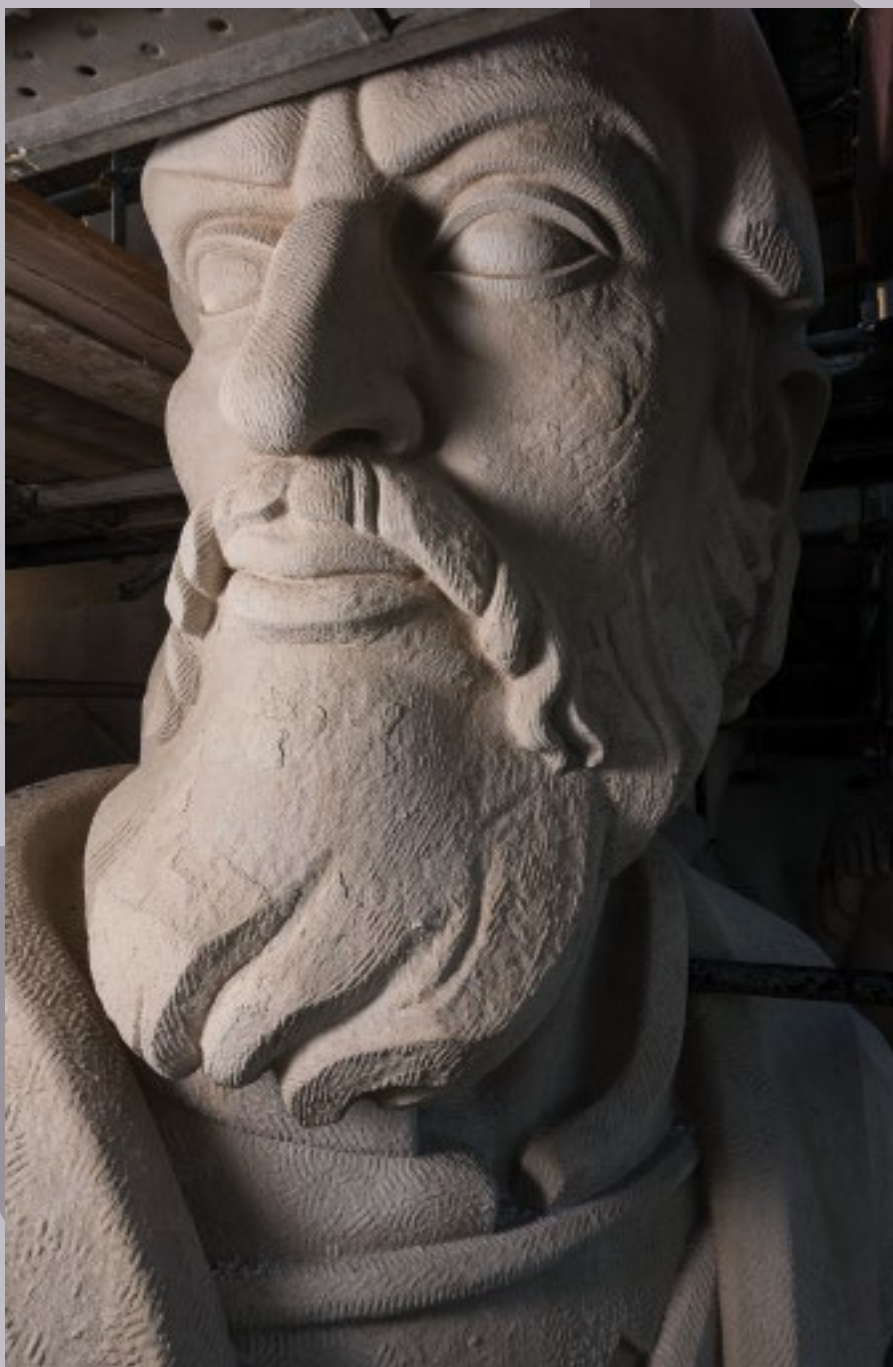


PÊRO DE ALENQUER

(ALENQUER ?-?) - PILOTO

Por ser um piloto muito experiente, D. João II nomeou-o piloto da nau de Bartolomeu Dias, que dobrou o cabo da Boa Esperança (1488). Devido aos conhecimentos adquiridos nesta expedição aos mares do extremo sul-africano, foi nomeado piloto do navio S. Gabriel, capitaneado por Vasco da Gama, aquando da viagem para a Índia, em 1498

**A ASPEREZA DAS
BOTAS, AS PREGAS
DAS FAZENDAS,**



O PORMENOR DE NARIZES, BOCAS E OLHOS.

VASCO DA GAMA

(?-COCHIM 1524) - NAVEGADOR

Pertenceu à Ordem de Santiago, tendo transitado para a de Cristo, em 1507.

Foi o capitão-mor da armada que finalizou o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.

Após ter ultrapassado o cabo de Boa Esperança e já no oceano Índico subiu a costa africana e em Melinde, teve a ajuda do sultão da cidade, que lhe arranhou um piloto experiente na navegação do Índico, conduzindo a armada até Calecut.

Chegou a Portugal em Julho de 1499.

Foi recompensado por D. Manuel I que lhe conferiu honrarias e nomeou-o almirante-mor da Índia.

Em 1524 foi feito vice-rei da Índia.

JOÃO DE BARROS

(VISEU 1496-POMBAL 1570)

ESCRITOR

Exerceu cargos importantes ligados à administração ultramarina.

A sua primeira obra, um romance de cavalaria com o título de *Crónica do Imperador Clarimundo*, foi dedicada a D. João III. De outras obras que escreveu, sublinha-se a sua preocupação pela Língua Portuguesa; em 1539, publicou a *Cartilha para aprender a Ler*, e em 1540, a *Gramática Portuguesa*. Sobre a expansão portuguesa no Oriente deixou-nos quatro crónicas, conhecidas sob a designação de *Décadas da Ásia*.

(pormenor: pena de João de Barros)



O TRABALHO DO
CINZEL DO ESCULTOR,
AO ALCANCE DOS
NOSSOS DEDOS.

LUÍS PAVÃO

A CONSERVAÇÃO DO PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

Uma estrutura como a do Padrão dos Descobrimentos, composta por betão armado revestido por cantaria de pedra rosal de Leiria e decorada com as esculturas em calcário de Sintra, precisa de cuidados de manutenção constantes que a protejam dos danos causados pela sua exposição aos fatores atmosféricos.

Para além das inspeções regulares, são necessárias intervenções de maior envergadura de modo periódico. Só assim se pode evitar o desenvolvimento de processos de degradação que ponham em risco a sua estabilidade física e química.

Nas últimas duas décadas, foram aqui realizadas várias intervenções desta natureza, a última das quais, dedicada à conservação-restauro dos elementos pétreos exteriores, decorreu entre junho e dezembro de 2016. Durante esse período, as equipas técnicas tiveram uma relação estética e material privilegiada com as figuras do Padrão.

Esta intervenção foi pautada por inúmeras dificuldades, relacionadas com fatores intransponíveis, como a localização ribeirinha do monumento, exposto a fortes ventos, que impediu a colocação das redes de proteção, implicando medidas de segurança adicionais. Este fator agravou-se devido à sua forma irregular, que obrigou à montagem de um complexo sistema de andaimes, com 25 andares, aos quais se podia aceder de elevador. Com o objetivo de corrigir anomalias relacionadas com o mau isolamento do seu revestimento exterior, que permitiam a entrada de água para o interior, pondo em risco a sua estrutura interna, desenvolveu-se um conjunto de procedimentos comum no restauro de monumentos de pedra. Depois de se eliminar a colonização biológica, foram consolidadas as superfícies que apresentavam destacamentos superficiais. Seguiu-se uma limpeza, que, em alguns pontos, requereu a utilização de produtos químicos. Para impedir a entrada de água, foram substituídas as argamassas degradadas das juntas. Pontualmente, foi necessário preencher com argamassa as lacunas existentes entre os elementos do revestimento pétreo e a estrutura, ou mesmo substituir algumas lajes que se encontravam em muito mau estado de conservação. No fim, foi realizada a microestucagem das superfícies pétreas, com o objetivo de se preencherem as suas irregularidades, provendo-se assim a uma melhor proteção dos elementos que compõem o conjunto.





NA PONTA DOS DEDOS

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA
DE LUÍS PAVÃO

PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

07.07 | 30.09
2018

COORDENAÇÃO

Margarida Kol de Carvalho
Maria Cecília Cameira

MEDIAÇÃO CIENTÍFICO – PEDAGÓGICA

Serviço Educativo do
Padrão dos Descobrimentos

TEXTOS NA EXPOSIÇÃO

Maria João Neto – ARTIS Instituto de História
da Arte FLUL

Luís Pavão – LUPA

Alice Nogueira Alves – conservadora
–restauradora/FBAUL/CIEBA

Biografias (adapt.): Isabel Carneiro
e Nuno Campos

CONCEÇÃO PLÁSTICA E REALIZAÇÃO

António Viana

DESIGN GRÁFICO DA EXPOSIÇÃO

Rita Cruz Neves

IDENTIDADE VISUAL, DESIGN E MATERIAIS GRÁFICOS

Oland – Denominação de Origem Criativa

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Digital Azul

SECRETARIADO EXECUTIVO

Conceição Romão
Rita Lonet

CONSTRUÇÃO

Demetro a metro – construção
de ideias, Lda

VINIS E PAPEL DE PAREDE

Nuno Manuel Neves Santos

TRADUÇÃO

Nuno Rosalino | Rosinha de Castro Mamede



EGEAC

PADRÃO
DOS
DESCOBRIMENTOS